

BRUNO CASTRO FIGUEIREDO

GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA
QUEER ON: O Existir LGBTQIA+ em
Desenhos Animados

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV

2023

BRUNO CASTRO FIGUEIREDO

GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA

QUEER ON: O Existir LGBTQIA+ em

Desenhos Animados

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social -
Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Henrique Moreira Mazetti

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
2023



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social -
Jornalismo

Memorial intitulado GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA Queer ON: O Existir LGBTQIA+ em Desenhos Animados, de autoria do estudante Bruno Castro Figueiredo, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Henrique Moreira Mazetti
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da
UFV

Profa. Mariana Ramalho Procópio Xavier
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da
UFV

Sara Rodrigues de Moraes Bridi
Doutoranda em Comunicação no PPGCOM da
UFJF

Viçosa, 27 de novembro de 2023.

*A Jéssica. Esteja onde estiver, sei
que vibra com minhas conquistas.*

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho foi realizado com o suporte, direto e indireto, de muitos. Deixo aqui meus agradecimentos a todos! Graças a vocês evoluí tanto como profissional quanto como pessoa. Em especial agradeço a meus pais, Margareth de Castro Figueiredo e Geraldo Figueiredo Coura, que sempre me apoiaram e impulsionaram a concluir a graduação. Em seguida agradeço ao professor Henrique Mazetti, que me guiou durante toda essa jornada.

Agradeço também aos colegas e amigos, principalmente aqueles que independente do momento, da distância e até mesmo da ausência sempre estiveram comigo e por mim. Dentre eles destaco minha parceira do ensino médio para a vida, Camilla Damasceno Silveira, que foi ombro, colo e incentivo do início ao fim da elaboração deste TCC. Da mesma forma, Victoria Pimenta Barel, amiga que entrou no curso através da mesma chamada (na lista de espera do SISU), no mesmo dia, na mesma aula e foi dupla na primeira atividade acadêmica. Ela foi indispensável para a edição e formatação do projeto.

Sou muito grato também à Marcela Figueiredo Coura Fonseca, minha prima e veterana. Obrigado por nunca me deixar na mão e ser apoio e referência em todos os anos em que estive em Viçosa. Além disso, agradeço a todos os professores e funcionários do Departamento de Comunicação (DCM), que me ensinaram mais do que apenas matérias; e os entrevistados que toparam participar da reportagem, dividindo comigo um pouco de suas experiências profissionais e de vida.

Por fim agradeço a mim mesmo! Quantas foram as vezes em que pensei em desistir, mas esse dia nunca chegou. Tardei, mas vinguei! Finalizo este ciclo orgulhoso do “Eu” presente e sorrio feliz após esta intensa jornada.

**“O mundo está fora dos eixos. Oh! Maldita sorte!
Por que um dia nasci para endireitá-lo?”**

HAMLET (Ato I, Cena V) - Shakespeare

Grande Reportagem Multimídia

Querr ON: O Existir LGBTQIA+ em Desenhos Animados

Bruno Castro Figueiredo

RESUMO: O objetivo deste memorial é explicar o processo de elaboração da Grande Reportagem Multimídia “Queer ON”. O produto final do projeto em questão, a reportagem, tem como intenção abordar discussões a respeito de mídias para o consumo infanto-juvenil, principalmente desenhos animados, e sua capacidade em formar imaginários a respeito de sexualidade e gênero, sendo alguns mais excludentes e outros mais inclusivos. A primeira parte do memorial apresenta os fundamentos teóricos que embasaram a construção do produto final. Nela são expostos aspectos importantes sobre o jornalismo online, enquanto modalidade jornalística; elementos e características centrais da grande reportagem multimídia; assim como a relação entre vivências não-heteronormativas e infância, a partir de marcadores como tempo e cultura. Já a segunda parte apresenta um relatório técnico que aborda e detalha etapas do processo de pré e pós-produção do projeto. A reportagem pode ser acessada através do link: https://jornalismo.ufv.br/queer_on/.

Palavras-Chave: 1. diversidade; 2. queer; 3. infância; 4. desenho animado; 5. reportagem multimídia;

ABSTRACT: The aim of this memorial is to explain the process of preparing the Multimedia Grand Report "Queer ON". The final product of the project in question, the report, is intended to address discussions regarding media for children's and young people consumption, especially cartoons, and their ability to form imaginaries about sexuality and gender, some of which are more exclusionary and others more inclusive. The first part of the memorial presents the theoretical foundations on which the final product was built. It sets out important aspects of online journalism, as a journalistic modality; central elements and characteristics of multimedia grand reporting; as well as the relationship between non-heteronormative experiences and childhood, based on markers such as time and culture. The second part presents a technical report that discusses and details the stages of the project's pre-production and post-production process. The report can be accessed through the following link: https://jornalismo.ufv.br/queer_on/.

Key-Words: 1. diversity; 2. queer; 3. childhood; 4. cartoon; 5. multimedia report;

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Apresentação do site

FIGURA 2 – Layout de citações

FIGURA 3 – Layout de exemplos meio ao texto

FIGURA 4 – Logotipo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 - O Jornalismo Online	12
1.2 - Grande Reportagem Multimídia	15
1.3 - Sexualidade, Gênero e Infância	18
CAPÍTULO II – RELATÓRIO TÉCNICO	23
2.1 - Elaboração da proposta	23
2.2 - Pauta e apuração	25
2.3.1 - Fontes	26
2.3 - Formatos	28
2.4.1 – Site	28
2.4.2 – Áudio e Vídeo	31
2.4.3 – Estrutura Narrativa	32
OBSERVAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

Era uma vez um menino apaixonado por desenhos animados. Enquanto crescia e descobria as nuances que o tornavam diferente das outras pessoas, ele buscou, com pouco sucesso, por personagens que o lembrassem de si em seus programas favoritos. Essa criança alcançou a fase adulta e se tornou o acadêmico que vos fala: um homem gay que segue louco por animações em suas mais diversas formas.

Mesmo “no meu tempo” já existiam, apesar de pouco presentes, personagens que davam aquele sentimento quentinho no coração de que o amor não deve ter barreiras de gênero. Também que ser dessa ou de outra maneira não pode definir se sou e o quanto sou homem, mulher ou mesmo nenhum dos dois. Exemplos marcantes disso em minha infância foram Touya e Yukito, do anime *Sakura Card Captors*, ou a Princesa Jujuba e a vampira Marceline, do cartoon *Hora de Aventura*.

Entretanto, continuando o consumo desses produtos midiáticos ao longo dos anos, surgiu em mim a impressão de que os desenhos passaram a abordar temas LGBTQIA+, com os quais me identifico, de forma cada vez menos sutil e com cada vez mais frequência. Aparições feitas de forma implícita, disfarçada, as quais restavam a nós telespectadores apenas deduzir representatividade em meio a falas e comportamentos, deram lugar a personagens obviamente queer¹ escancarados para todo mundo ver.

Pensando em como essa caracterização dos personagens mudou e evoluiu, me questionei sobre como e porque vivências LGBTQIA+, raramente presentes nas telinhas quando eu era criança, ainda não são vistas com “bons olhos” por uma parcela da população. Com isso em mente, vi no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a oportunidade de desenvolver um projeto que supra minha curiosidade pessoal sobre o tema, ao mesmo tempo que disponha de informações corretas para a sociedade sobre tal apresentação.

O objetivo proposto neste memorial e, concomitantemente, na grande reportagem multimídia produzida é, então, coletar e registrar fatos e opiniões sobre a apresentação de sexualidades e gêneros, fora do padrão cisheteronormativo, em programas midiáticos infanto-juvenis. Acrescento ainda que uma atenção especial foi dada aos desenhos animados, conteúdo

¹ “Queer”, traduzido para português como “Bizarro”, é uma expressão que significa oposição ao “normal” ou à normalização. A partir do século XIX, ela passou a designar depreciativamente os homossexuais. Porém, nos anos 1980, foi reivindicada por grupos LGBT num processo de ressignificação em que se tornou valorosa (SAFATLE apud FIGUEIREDO, 2018, P. 43).

de grande consumo por parte da faixa etária escolhida. O produto final, a reportagem, pode ser encontrada no seguinte endereço: https://jornalismo.ufv.br/queer_on/.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 – O JORNALISMO ONLINE

O jornalismo se tornou uma prática bastante presente no meio digital. Como forma de disseminação de informações, ele passou do modelo impresso para o online demorada e gradativamente, sempre se adaptando aos meios de comunicação e às plataformas em que foi introduzido.

Segundo David Carlson, "o primeiro sítio jornalístico na web foi lançado em novembro de 1993, na faculdade de Jornalismo e Comunicação da Universidade da Flórida" (apud SCHWINGEL, 2012, p. 22). No Brasil, esse contato aconteceu um ano depois, em 1994, quando os grandes jornais nacionais começaram a formar equipes para trabalhar com jornalismo digital. Mas, apenas em 1995, após o início da comercialização de serviços de internet a domicílio no país, seu consumo foi lentamente disseminado em meio a população (SCHWINGEL, 2012).

Desde então o chamado ciberjornalismo² experimentou diversas transformações, estudadas separadamente como gerações, fases evolutivas, cada uma marcada pelo progresso no uso de tecnologias que a internet passou a acomodar. Referência nos estudos da área, a autora Mielniczuk (2003), define que a primeira geração é meramente de transposição. Nela, as redações somente republicavam seus conteúdos feitos para o impresso, em ambiente online, isso porque pouco se conhecia sobre esse meio recém estabelecido. Durante a segunda, os jornais passaram a publicar matérias originais junto a fotos, vídeos, hiperlinks, dentre outros elementos multimídia do espaço digital, mas ainda de forma muito atrelada ao impresso.

Foi apenas na terceira geração que o jornalismo digital extrapolou “[...] a ideia de uma versão para a web de um jornal impresso já existente” (MIELNICZUK, 2003, p. 9). Nela o leitor se torna imersivo, capaz de mergulhar em “roteiros multilineares e labirínticos” presentes em uma página digital, rumo a uma infinidade de informações escolhidas por ele para serem consumidas (SANTAELLA, 2014, p. 214). Isso se deu em consequência do aproveitamento de certas características do jornalismo web, que veremos no decorrer desta seção.

Já a quarta geração engloba a ascensão dos bancos de dados como elemento fundamental à prática jornalística na internet. Esses bancos, geridos por bases de dados, são tidos como

² Atividade jornalística difundida em redes de comunicação na internet. Podendo também ser dita como: jornalismo eletrônico, jornalismo digital ou multimídia, jornalismo online e Webjornalismo.

coleções de itens, computadorizadas, capazes de armazenar grandes quantidades de informação, organizadas de forma estruturada, que possibilitam a consulta rápida e facilitada (ver, navegar, buscar) a diversos documentos. (MANOVICH, 2001). Para Santi,

[...] o webjornalismo de quarta geração (4G) vai se utilizar de banco de dados que, devido à tecnologia internet, junto com as linguagens de programação muito dinâmicas, passaram a gerar páginas que somente existem devido às solicitações do usuário ao navegá-las; e/ou telas que podem apresentar áreas de informações flexíveis em estruturas que possibilitam a correlação de dados e de campos informativos (SANTI, 2009, p. 187).

Associados aos banco de dados, surgem também nessa fase os sistemas de gerenciamento de conteúdo. Ferramentas desenvolvidas com linguagens de programação, eles buscam analisar a arquitetura da informação publicada como forma de conceder mais independência e dinamismo à gestão dos sítios web (SCHWINGEL, 2012).

Contudo, a consolidação da base de dados aconteceu na quinta geração, que vislumbra o estágio atual, estritamente conectado às iniciativas móveis, voltadas para leitura em tablets e smartphones. Segundo Barbosa (2013, p. 42), essas iniciativas “reconfiguram a produção, a publicação, a distribuição, a circulação, a recirculação, o consumo e a recepção de conteúdos jornalísticos em multiplataformas”, isso por conta do desenvolvimento de produtos/aplicativos próprios dos jornais, que trazem certa independência e mobilidade, extrapolando até mesmo o espaço web (NUNES, 2016).

Dentre as características do jornalismo digital que nasceram ou se reafirmaram através das gerações mencionadas, algumas se destacam. Sendo elas: a hipertextualidade, “uma série de blocos de texto ligados entre si por links, que formam diferentes itinerários para os leitores” (NELSON apud CANAVILHAS, 2014, p. 6), ou seja, uma forma de escrita e leitura não linear que permite que o leitor se guie por caminhos variados enquanto navega em determinada página da web. A interatividade, presente na interação entre leitor e texto mediante ferramentas digitais como o próprio hiperlink³ ou motores de busca e comentários abaixo das notícias, por exemplo (ROST, 2014). A instantaneidade, que sempre marcou presença no jornalismo, mas nunca com a velocidade que as redes permitem, por meio de imediatas publicações quanto a acontecimentos recém contemplados, que são rapidamente consumidas, assim como rapidamente distribuídas, repercutidas (BRADSHAW, 2014).

³ A não linearidade é uma propriedade do mundo digital e a chave-mestra para a descontinuidade se chama hiperlink, quer dizer, a conexão entre dois pontos no espaço digital, um conector especial que aponta para outras informações disponíveis e que é o capacitador essencial do hipertexto (SANTAELLA, 2014, p. 212).

A memória, caracterizada por elementos como: comparações, analogias, nostalgia e/ou desconstruções, por exemplo, que resgatam conteúdos históricos/passados na produção do texto jornalístico, mediante arquivos disponíveis em bases de dados e informações em rede (PALACIOS, 2014). A personalização, que diz respeito à capacidade dos veículos de personalizar e adaptar seus conteúdos e interfaces, tal como ser adaptável a diferentes plataformas (smartphone, computador, tablets, etc.) ou permitir interações em sua página, a fim de conquistar usuários de determinado nicho; em outras palavras, alcançar públicos pequenos, mas altamente comprometidos, fiéis (LORENZ, 2014). E a Ubiquidade, competência dada pela quase onipresença do ambiente online, que pode ser acessado por qualquer um, em qualquer lugar, em tempo real, desde que conectado a uma rede de internet (PAVLIK, 2014).

Além destas, o espaço digital deu ainda às obras jornalísticas outra nova possibilidade: incorporar em seus materiais o que Santaella chamou de gênero discursivo híbrido, denominado hipermediático⁴. Esse tipo de manifestação passou a existir por meio de conteúdos, criados na internet, com conexões entre imagens, sons e textos (SANTAELLA, 2014) que, aliados à própria interação dos usuários consumidores, resultaram na propagação do conceito de multimídia, uma característica vital para a permanência e a sustentação do jornalismo online.

Segundo Salaverría (2014, p. 32), essa multimídia não é uma qualidade exclusiva da internet, mas que se expandiu através dela:

Face às limitações de multimídia dos meios analógicos anteriores, a Web oferece uma plataforma de enorme versatilidade para a integração de formatos textuais, gráficos e audiovisuais. Não é, portanto, de estranhar que após a irrupção da internet o conceito de jornalismo multimídia tenha alcançado especial protagonismo. De facto, graças à Web multiplicaram-se as possibilidades para o crescimento da narrativa multimídia.

Embora tenha resumido essa característica como “a combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem” (SALAVERRÍA, 2014, p. 31), o autor buscou destrinchar as diversas formas assumidas por essas linguagens multimídia em diferentes elementos existentes. Dentre eles: texto; fotografia; gráficos, iconografia e ilustrações estáticas; vídeo; animação digital; discurso oral; música e efeitos sonoros. Não obstante, ainda há expectativa de muitos outros formatos entrarem para essa lista no futuro. Afinal, inovações tecnológicas nas redes não vão parar de surgir, assim como possibilidades de comunicação (SALAVERRÍA, 2014).

⁴ A hiperídia é uma tecnologia que engloba recursos do hipertexto e multimídia, permitindo ao usuário navegar por diversas partes do aplicativo, na ordem que desejar (LEÃO, 1999, p. 16).

Salaverría (2014) destaca ainda que apenas usar dos artifícios multimídia não é suficiente para atrair leitores interessados. É necessário que todos esses elementos estejam em harmonia “interligados no sentido de evitar a competição entre eles e de, por outro lado, oferecer um resultado positivo e coordenado” (p. 40). Assim, propôs seis critérios que podem facilitar o correto gerenciamento de conteúdos multimídia na composição de uma informação. Compatibilidade: a combinação de elementos compatíveis entre si. Complementaridade, a conexão homogênea entre o tema e o tempo gasto para o consumo de cada um dos recursos nele utilizados. Ausência de redundância: o cuidado para que o conteúdo se complete, mas não se repita. Hierarquização: a necessidade de dar protagonismo a linguagem que melhor se adequa à transmissão do conteúdo. Ponderação: conhecer as limitações possíveis de serem enfrentadas pelo consumidor (de tempo, de espaço, etc.) as quais demandam do criador de conteúdo multimídia tecê-los “com alguma ponderação, limitando a quantidade de informação disponível” (p. 44). E adaptação: a necessidade de que a informação multimídia se ajuste ao layout técnico e hipertextual da publicação.

Ao longo dessa seção, discutimos conceitos que permeiam a ascensão do jornalismo online. Logo, considerando sua relevância e o atual modelo de construção de narrativas nas redes, foi escolhido como formato de apresentação deste projeto a grande reportagem multimídia. Isso se deu pela não restrição do gênero à meras exposições factuais, mas sim diversos ângulos, personagens e possibilidades interpretativas no que se refere a determinado acontecimento.

1.2 – GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA

Em razão das mudanças enfrentadas pela prática do jornalismo na internet e seus ciclos evolutivos, os gêneros jornalísticos viveram uma verdadeira reforma. Este arranjo foi respaldado pela reestruturação de aspectos relacionados a design, narrativa e navegação de seus conteúdos, que se aperfeiçoaram conforme foram adaptados às particularidades do meio online (LONGHI, 2014). Dentre os gêneros que contribuíram para o surgimento de novos formatos de texto, principalmente ao se tornarem hipermediáticos, está a grande reportagem, precursora da grande reportagem multimídia, que foi escolhida como produto para esse projeto de conclusão de curso.

Núñez Ladevéze (LARRONDO URETA apud LONGHI, 2015, p. 3) categorizou a grande reportagem como um gênero complementar. Isso porque sua estrutura é subordinada “a uma forma de exposição em que se mesclam elementos narrativos, literários e interpretativos”.

Não obstante, Lima (2009) a teorizou como uma extensão da notícia, já que em geral, ela compreende os desdobramentos de um determinado tema mais detalhadamente do que o texto noticioso, que o faz de forma sucinta.

A variação web desse gênero é considerada herdeira de suas características fundamentais, que foram renovadas do modelo impresso para o ambiente digital (LONGHI, 2014). Dessa forma, podemos concluir que a grande reportagem multimídia segue como um produto interpretativo e informativo, com textos mais aprofundados quanto a algum assunto, porém, produzidos e distribuídos em meios digitais de comunicação. Além disso, o novo formato passou a conter também características inerentes ao jornalismo online, como a interatividade, a linguagem hipermidiática e as ferramentas multimídia.

A atualização da grande reportagem para a web está diretamente ligada ao avanço das tecnologias de produção e consumo de conteúdos hipermídia. Assim, o surgimento de criações noticiosas multimidiáticas foram essenciais para que ela se concretizasse. O slideshow foi o pioneiro. Considerado o primeiro modelo multimídia no jornalismo online, ele surgiu em meados dos anos 2000 e é utilizado largamente ainda hoje. Em sequência foram concebidos os especiais multimídia, pelo jornal argentino *Clarín.com*, em 2002, “aproveitando as potencialidades do ambiente hipermidiático e de *softwares* como o *Flash*⁵” (2014, p. 899). O uso do *Flash* foi tão impactante no processo de criação jornalística, que passou a ser considerado como um estilo próprio no meio, o *Flashjournalism*. Aos produtos utilizando esse software, foi permitida a combinação entre mensagens verbais, sonoras e visuais passíveis de interação, ou seja, clicáveis pelo usuário, em uma mesma interface; o que tornou o diálogo entre os elementos multimídia ainda mais eficaz (LONGHI, 2009).

Apesar de facilitar essa relação, a composição em *Flash* foi eventualmente substituída. Segundo Longhi (2014, p. 909), isso se deu a partir de 2011, com a emergência da linguagem HTML5⁶, capaz de resolver algumas desvantagens da ferramenta anterior. Tais como: não ser preciso baixar plug-ins (aplicativos necessários, até então, para rodar arquivos de vídeo, sons, etc.), consumir menos energia e funcionar em diferentes navegadores e aparelhos (computador, tablet, celular, etc.).

⁵ Tecnologia reprodutora de mídias criada pela empresa Macromedia, posteriormente (2005) comprada e incorporada a Adobe Systems. O software é multiplataforma, ou seja, permite que diversos navegadores reproduzam vídeos, jogos e animações em formato *Flash*.

⁶ HTML é a abreviação de Hypertext Markup Language, em tradução literal, Linguagem de Marcação de Hipertexto. Uma linguagem de programação que possibilita a criação de “elementos nos quais podem ser incorporadas imagens e objetos como, por exemplo, uma animação ou um vídeo”. O HTML5 é sua quinta versão (FLATSCHART, 2011, p. 9).

Com suporte na evolução do código HTML, um ambiente favorável à elaboração de grandes reportagens na internet finalmente surgiu. A autora explica que isso adveio da dificuldade do formato de especiais multimídia, dominante até então, em permitir aos textos espaços mais longos, não fragmentados. Essa necessidade, de um modelo que abrangesse maior quantidade de palavras para maior aprofundamento dos temas, foi contemplada com o surgimento do *longform*, cujo principal objetivo é ir além do proposto pelo jornalismo padrão cotidiano, dando mais imersão a suas narrativas, realçadas por elementos multimídia.

A publicação da reportagem *Snow Fall*, no site do The New York Times, em 2012, é considerada como marco inicial tanto para o modelo *longform* quanto para a reportagem multimídia em si.

O trabalho descreve de forma inovadora uma avalanche de neve em Washington no ano de 2012. O jornal reconstituiu a tragédia por meio de uma reportagem em seis capítulos, contendo elementos multimídia como gráficos interativos, vídeos, biografias e textos verbais contendo em torno de 18 mil palavras. *Snow Fall* teve 2,9 milhões de visitas e 3,5 milhões de page views nos primeiros seis dias de publicação (AMADO, 2013 apud LONGHI, WINQUES, 2015, p. 118).

O grande número de acessos da obra é outra referência pertinente a seu estabelecimento como marco. Visto que até então, supostamente, apenas informações rápidas de serem consumidas prosperavam no universo digital, o que se provou discutível enquanto verdade absoluta (BACCIN, 2016).

Como o *Flash*, a presença de arquivos de texto ou imagem, som e vídeo, por exemplo, organizados em uma única janela, também passou a ser substituída nesse novo formato jornalístico em HTML. A composição estática deu lugar ao recurso conhecido como *scrolling*, que utiliza a barra lateral da página para uma navegação e leitura mais verticalizada (LONGHI, 2015). Nesse caso, os elementos a serem consumidos pelo leitor aparecem e se escondem com o rolar dessa barra ou através do deslizar dos dedos nas telas *touch screen* (2015, p. 121). A técnica tem aparecido com bastante frequência em conteúdos multimídia, mas sem excluir a dimensão narrativa horizontal, ainda encontrada em grandes reportagens que são divididas em capítulos ou seções.

Junto à técnica de navegação das páginas, a configuração em que são dispostos os recursos no conteúdo noticioso também veio como contribuição do software. Através de um design responsivo, a interface dos sites de notícia passou a se adaptar ao aparelho em que o usuário está fazendo acesso. Essa função, do mesmo modo, deixou sua marca em outros elementos vinculados à composição dos layouts digitais, como a disposição do texto de forma

centralizada e a ocupação total da tela, que surgiram como tendências padronizadoras do gênero na internet.

Pela possibilidade de agregar diversidade em elementos multimídia e dar espaço a quantias mais volumosas de texto, a grande reportagem multimídia foi o gênero escolhido para exposição dos questionamentos do presente projeto, relacionados à apresentação de sexualidades, fora do modelo cisheteronormativo, na mídia, com destino a um público infanto-juvenil. Para tal fim, primeiro foram contextualizadas e expostas as características desse formato noticioso, seguidas, então, da discussão tida como objetivo principal deste trabalho memorial.

1.3 – SEXUALIDADE, GÊNERO E INFÂNCIA

Este TCC procura debater indagações acerca de como são apresentadas, em mídias voltadas para crianças e adolescentes, personagens e vivências não-heteronormativas. Portanto, para embasar este trabalho, trouxemos uma série de teorias a respeito de como a sexualidade e o gênero são concebidos, regulados e normatizados, visto que é relevante que utilizemos deste espaço para investigar discussões fundamentais sobre essas questões, além de como seus conceitos têm sido reproduzidos.

Foucault (1999) aborda esses traços do comportamento humano, com destaque principalmente à sexualidade, como dispositivos de poder⁷. Para o filósofo, assim como são os demais dispositivos (escola, hospital, exército, prisão, família, etc.), ambos podem ser entendidos como espaços em que se configuram verdades, a partir de discursos capazes de moldar opiniões, princípios e, inclusive, corpos. Ele explica que, durante o século XVIII, principalmente, esses temas passaram a ser bastante discutidos e estudados em meio à população, tornando-se objeto de produção de subjetividade para o exercício do poder. Nesse momento, noções quanto à sexualidade e gênero são censuradas, confiscadas por manifestações, sejam elas atos ou palavras, que as delimitam. Como meio para tanto, o casal cisgênero heterossexual (procriador) impõem-se como modelo, se tornando o único com pureza moral e legitimidade absoluta para falar sobre.

Assim, o autor levanta a hipótese de que, em toda sua hipocrisia, nossa sociedade burguesa assume discursos repressivos, às demais formas de existir, tendo o sexo (ato sexual)

⁷ O dispositivo é a rede possível de se estabelecer entre elementos heterogêneos ditos e não ditos. Engloba discursos, instituições, leis, medidas administrativas, morais, entre outros recursos, que apresentam dominância e condicionamento de verdade absoluta sobre outros do mesmo tipo (FOUCAULT, 1984).

como determinante: caso exista fora do pré-estabelecido como normal (sexualidades e gêneros ilegítimos), deve incomodar longe dos principais eixos da sociedade, “onde possa ser reinscrita, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro” (FOUCAULT, 1999, p. 10).

Porém, um engano relativo a tal repressão é que ela impede os indivíduos de falar sobre o sexo, que suas verdades morais apenas estabelecem limites. Na verdade, o que ocorre é uma maior atenção quanto a quem pode falar, em quais lugares e quais instituições, por exemplo, incitam a fazê-lo. “Trata-se de determinar, em seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana” (FOUCAULT, 1999, p. 16).

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se (FOUCAULT, 1999, p. 27).

A partir desse ponto, a sexualidade passa a exercitar o que o autor chamou de biopoder⁸, nesse caso, oriundo da intensa demanda em se organizar e institucionalizar os entendimentos quanto ao sexo. Esse elemento é definido como “um poder destinado a produzir forças, a fazê-las crescer e a ordená-las”, (FOUCAULT, 1999, p. 128) mesmo que, em certos casos, vá excluí-las. Ou seja, focado em incorporar práticas que estimulam o fortalecimento e melhora das condições de vida, em meio à população, sem torná-las mais difíceis de controlar. Tais práticas participam da construção de um discurso, respaldado por dispositivos econômicos, pedagógicos, médicos e judiciais, articulados através da relação poder-saber⁹, que tem como objetivo supervisionar conjuntos estratégicos de pessoas (FOUCAULT, 1999, p. 99), evidenciando, como consequência, dentre outros exemplos, a orientação heteronormativa como padrão.

Em comunhão com interesses descendentes de instituições dominantes, as massas são, então, influenciadas a aprender e privilegiar determinado tipo de sexualidade (hetero) e gênero (cis) como naturais, em detrimento de outros. Desse modo, uma significação restrita ao erótico

⁸ Diferente do poder soberano antigo, que apenas concedia o direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida (ou morte), o Biopoder não se limita ao direito de apropriar. Ele também se estende a outras funções de incitação, reforço, controle, vigilância, majoração e organização das forças que compõem os mecanismos de poder para estender a vida, ou fugir da morte (FOUCAULT, 1999, p. 127-131).

⁹ Conceitos que se completam e se justificam para determinar formas (tipos) e campos possíveis do conhecimento: “o poder produz saber [...]; não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2014, p. 27).

é entregue aos demais, convertidos em desviantes, pervertidos e, até mesmo, antagônicos do considerado “biologicamente normal”. Essa perspectiva é cabível no que se refere ao assunto, pois persiste como interpretação imediata, ao se falar sobre, mesmo nos dias de hoje.

Respalhada pelas noções descritas, Butler (2003) estabelece uma nova abordagem para o campo de estudo. Em concordância ao percorrido por Foucault, a filósofa defende que o status do cisheteronormativo como natural é uma construção imposta em consequência às relações de poder. Porém, como acréscimo, analisa tais relações de forma mais específica, levando em conta a diferença presente no existir sexual dos sujeitos (femininos e masculinos), no desprendimento da identidade de gênero¹⁰ dos aparelhos sexuais e, principalmente, nas percepções históricas estabelecidas quanto a corpos que exprimem feminilidade¹¹.

Buscando desconstruir determinadas teorias essencialistas do feminismo, ela introduz seu raciocínio na explicação do que seria o sexo (natural) e o gênero (construído), assim como suas afinidades e aversões. O fundamento em que a autora se baseia parte da ideia de que não somos, nos tornamos. Em resumo, define que não há como impor significações absolutas, anteriores a um estado de poder, a quaisquer identidades de gênero, mas sim suposições e expectativas que, em todo caso, se dão apenas como possíveis. Como exemplo disso, Butler cita a não necessidade certa e segura de “[...] que o ‘ser’ que se torna mulher seja necessariamente fêmea” (BEAUVOIR apud BUTLER, 2003, p. 27), afinal, mesmo o sexo binário em si (macho-fêmea, homem-mulher) parte de um discurso construído, que só alcançou sua naturalidade graças a noções culturalmente estabelecidas e performadas pelo ser humano.

Laplanche (2015) também reforça a hipótese de que o gênero é um elemento anterior tanto à dimensão biológica quanto aos discursos culturais que circulam sobre o sexo. Ele estabelece que o gênero nos é designado ao nascer.

A designação é um conjunto complexo de atos que se prolongam na linguagem e nos comportamentos significativos do entorno. Poder-se-ia falar de uma designação contínua ou de uma verdadeira prescrição. Prescrição no sentido de que se fala de mensagens ditas “prescritivas”; logo, da ordem da mensagem, até mesmo do bombardeio de mensagens (LAPLANCHE, 2015, p. 165).

Ou seja, diferente do nome, estabelecido no âmbito social e/ou designado junto às estruturas institucionais (cartório, igreja, etc.); o gênero se insere diretamente através do grupo de indivíduos que gira em torno da criança. Pais, irmãos, avós ou quaisquer que sejam os

¹⁰ A identidade de gênero se concretiza como o conjunto de atributos que, ao serem performados, caracterizam e individualizam um sujeito, o classificando como homem, mulher, ambos ou nenhum dos gêneros.

¹¹ O termo feminilidade está relacionado ao conjunto de comportamentos e atitudes universalmente esperados de mulheres em um contexto social, o eu feminino.

cuidadores próximos, qualificam o sujeito de maneira compulsória, a partir de uma identificação pré-estabelecida quanto a ele. Isso se dá desde recém-nascido até tornar-se apto a fazê-lo por si (LAPLANCHE, 2015; LIMA, BELO, 2018).

Se a questão existe já em um momento inicial da vida humana, como expõem os autores citados, ela também afeta a criança em desenvolvimento. Em Foucault (1999), o sexo existe na infância, mas não é passível de aparecer ou se manifestar socialmente e, por isso, é silenciado. Em realidade, como dito anteriormente nessa seção, não há impedimento em se falar a respeito, o que muda é quem o fará e como será feito. Assim, criam-se dispositivos coerentes com poderes e saberes estipulados pelo homem, gradativamente desenvolvidos como meio para esse silêncio. No que diz respeito aos pequenos, tal conjunto estratégico foi chamado pelo autor de “pedagogização do sexo da criança”:

[...] dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo "natural" e "contra a natureza", traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais "liminares", ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo (FOUCAULT, 1999, p. 99).

Já Butler (2003) sinaliza a pré-existência do gênero como característica plural, não determinada pelo sexo binário (biológico). Isso nos desperta a possibilidade de que, diferente do estabelecido pela matriz heteronormativa¹², a anatomia dos sujeitos (genitália), os nomes entregues aos gêneros, os desejos e as práticas sexuais não tem necessidade de concordar entre si. Assim, é possível concluir que à criança, ao nascer (ou mesmo antes disso), são imediatamente atribuídas características identitárias culturais, não naturais, relacionadas a um sexo ou a outro, mesmo que ela possa “fugir” dessa verdade em algum momento futuro.

Equivalente ao discorrido por Butler, para Laplanche (2015), “o gênero precede o sexo. Mas, ao invés de organizá-lo, é organizado por ele” (LAPLANCHE, 2015, p. 168). O autor o classifica dessa forma, porque expectativas são impostas sobre o gênero tendo o sexo como natural. Ou seja, a partir da crença que leva apenas a configuração binária como possível, são moldados traços comportamentais de um ou de outro, além da separação em certo e errado,

¹² “De acordo com Butler, o termo designa a ‘[...] grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados.’ (BUTLER, 2003, p.216). A autora utiliza esse termo a partir das noções de ‘contrato heterossexual’, de Monique Wittig, e de ‘heterossexualidade compulsória’, de Adrienne Rich” (BUTLER apud FIRMINO, PORCHAT; 2017, p. 52).

ambos presentes desde o instante em que o órgão genital do sujeito se torna conhecido e não quando esse sujeito é socializado.

Ele expõe ainda que são os pais os primeiros a despertar o fator desejo sexual na criança, de forma proposital e não proposital ao mesmo tempo. O que quis dizer é que a mensagem transmitida pelos responsáveis para a criança, seja verbalmente ou pelo toque, por exemplo, têm motivações explícitas, porém inconscientes, no que se refere a tratar de algo obviamente ligado ao sexual.

É, afinal, muito mal explorado esse campo da relação inconsciente dos pais com seus filhos; e penso que ele não se infiltra apenas nos cuidados corporais, nas primeiras mensagens, geralmente maternas (mas não necessariamente só maternas). Esses desejos inconscientes também vêm infiltrar-se na designação do gênero. É, pois, o sexuado e principalmente o Sexual dos pais que vêm provocar ruído na designação. Digo “principalmente o Sexual”, pois prezo muito a ideia de que, em última instância, os adultos na presença da criança reativam, sobretudo, sua sexualidade infantil (LAPLANCHE, 2015, p. 169).

Assim, nesta seção abordamos algumas teorias relacionadas ao regime da sexualidade e do gênero, principalmente quando o assunto é infância. Isso foi feito para que as questões citadas fossem tratadas com o devido cuidado no produto final, em formato jornalístico.

CAPÍTULO II - RELATÓRIO TÉCNICO

2.1 – ELABORAÇÃO DA PROPOSTA

Um TCC, para mim, sempre foi sinônimo de aplicar o conhecimento que adquiri durante a formação em um projeto com a “minha cara”. Então, quando entrei oficialmente na disciplina e mesmo antes disso acontecer, direcionei meu foco à seguinte questão: como conciliar meus interesses pessoais com o que aprendi na universidade em todos esses anos? Daí surgiu a ideia de juntar minha obsessão pelo universo dos desenhos animados a algo que remetesse à comunidade LGBTQIA+, da qual faço parte. Depois, acabei por expandir para além dos desenhos, apesar de mantê-los em destaque, incluindo também outras mídias, desde que voltadas para crianças e adolescentes.

Pensando em como a caracterização dos personagens nessas mídias mudou e evoluiu, decidi dar atenção há como e porque vivências queer, raramente presentes nas telinhas quando eu era criança, ainda são mal vistas por uma parcela da população. Assim, meu TCC se tornou uma oportunidade! De desenvolver um projeto que supra minhas curiosidades pessoais, ao mesmo tempo que reúna informações corretas para a sociedade sobre essa apresentação.

Após a escolha do tema, tirei um momento para destrinchar o assunto e escolher quais tópicos seriam mais relevantes de serem discutidos. Não é necessária expertise para saber que o preconceito é o principal motivo de pessoas não-cisheteronormativas sofrerem exclusão. Por isso, não falar sobre essa intolerância seria ignorar a raiz do problema também quando presente em mídias infanto-juvenis. Como causa para tanto, a noção de binariedade, cujo conceito estudei para embasar o projeto, frequentemente apareceu em minhas pesquisas. Sua culpa está em ignorar a existência de toda identidade, (homo; bi; ace; etc.)sexual e de (a; trans; etc.)gênero, que fuja de um padrão compulsoriamente estabelecido. Por essa razão a utilizei como um fator de destaque para o produto final.

Os demais, que aparecem como críticas específicas a programas, são a classificação indicativa e a educação sexual. Em conversa com meu orientador, o professor Henrique Mazetti, após muito nos questionar, chegamos ao consenso de que, quando o assunto é presença queer em mídias infanto-juvenis, esses dois tópicos são os que mais geram discussão e polêmica. Ambos são regados de desinformação e aparecem em meio a debates completamente fora do propósito aos quais dialogam. Assim, para desconstruir e elaborar seus verdadeiros saberes, decidimos falar mais sobre eles.

Com o objeto de pesquisa e os tópicos definidos, comecei a direcionar atenção para qual formato o trabalho assumiria. Ao longo da graduação em Comunicação Social - Jornalismo, me mantive convicto em não produzir, ao final do curso, um Projeto Experimental, mas sim uma Monografia. Isso em razão do medo que desenvolvi de realizar a atividade sob um formato não convencional, “incerto”, a ser decidido por mim. Porém, ao me debruçar no processo monográfico, descobri frustrações com as quais não soube lidar adequadamente, o que expandiu meus horizontes às temidas “incertezas” de um trabalho experimental.

Mesmo com receio, graças ao apoio de meu orientador, dei início à criação do projeto, que logo me surpreendeu. Em nível de satisfação pessoal, a nova abordagem que escolhi foi perfeita, já que o uso de ferramentas em meio digital, principalmente as multimídias, sempre despertaram bastante meu interesse. Assim, optei pelo produto final ser uma Grande Reportagem Multimídia (GRM), formato cujas características são compatíveis aos aprendizados que recebi durante a graduação, unindo diferentes plataformas e processos.

Tendo escolhido o formato, passamos a planejar como seria a organização da reportagem. Como primeiro passo elaboramos uma estrutura provisória, já dividida em seções, em que adicionei possíveis títulos, fontes de interesse e quais elementos multimídia seriam usados em cada parte. Além disso, por meio dela idealizei que todas as entrevistas deveriam ser apresentadas em vídeo e, principalmente, texto, conectando os demais formatos que as intercalassem. Porém, reitero que este foi apenas um esboço, um “croqui” de como seria a reportagem. Apesar de utilizado como inspiração, a configuração final foi se formando, na verdade, em um processo de adaptação. À medida que a apuração era feita, os formatos eram encaixados de maneira a satisfazer meus objetivos para aquela parte, sempre simultaneamente à edição do conteúdo.

A apuração em si começou logo após a organização base do projeto ser feita, através de pesquisas online e entrevistas pelo *Google Meet*. Estas últimas foram editadas e configuradas para que se encaixassem no layout pensado. Os softwares e ferramentas utilizados nesse processo foram: Adobe Photoshop, Adobe Illustrator, Adobe Premiere e Sound Forge.

Pelo contato prévio, principalmente em experiências acadêmicas, o Wordpress foi a plataforma escolhida para hospedar o conteúdo. Ela oferece, de forma gratuita, diversos modelos de sites já prontos, demandando simples edições e ajustes que variam de acordo com o interesse e necessidade do criador. Fazendo uso de suas ferramentas e recursos intuitivos, como o *plug-in* (extensão) Elementor, decidi organizar o layout no formato *Onepage* (página única), dependendo apenas de o usuário rolar a barra do navegador (*scroll*) para visualização completa da reportagem. Ademais, para dar vida e flexibilidade ao material apurado, os

seguintes formatos multimídia foram utilizados: textos, áudios, vídeos, imagens, dentre outros recursos.

2.2 – PAUTA E APURAÇÃO

O primeiro passo para elaboração do projeto foi o estudo. Coletar conteúdos sobre o tema, assim como sobre a elaboração de uma Grande Reportagem Multimídia, foi essencial para a referência. Por meio de pesquisas online, em bancos de conteúdo como o Scielo e o Google Acadêmico; e recomendações do professor orientador, fontes bibliográficas secundárias foram, então, estabelecidas. Dentre elas, algumas seriam utilizadas neste memorial, enquanto outras na construção prática e/ou teórica da reportagem e também do site.

Após separar os materiais e conteúdos coletados, o foco se tornou chegar ao escopo de fontes recomendadas para entrevista. Conhecendo as polêmicas que envolvem o tema escolhido, foi necessário selecionar especialistas e indivíduos, para opinar sobre, de maneira cuidadosa. A princípio, o objetivo era levar o assunto a pais e responsáveis para solucionar, por meio de suas opiniões, o porquê do preconceito à indivíduos LGBTQIA+ se estender a conteúdos infanto-juvenis. Porém, isso logo se mostrou um obstáculo.

A dualidade presente no tema vive em opiniões divergentes meio a esse grupo de pessoas. Algo que, em minha visão, é justificativa mais que suficiente para que todos que tivessem interesse em falar sobre, para os fins deste trabalho, fossem bem vindos independente de seus posicionamentos (contrário ou a favor). Dito isso, encontrar quem repreenda a apresentação de narrativas queer, mesmo que especificamente em programas como desenhos animados, não foi de grande dificuldade, mas convencê-los a dar entrevista foi.

Entre uma tentativa de contato e outra, todas feitas pelas redes sociais Twitter e Instagram, o seguinte foi constatado: para fazer alegações de oposição, através de seus perfis online, as pessoas não se acanham, mas para repassar tais opiniões de forma a serem documentadas em meios de informação (como este) o fazem.

Ao mesmo tempo que, com receio à exposição, os pais desencorajavam minhas investidas, especialistas se mostraram abertos a conversar sobre o tema. Com um primeiro nome em mãos, a professora Heloísa Herneck, uma conversa inicial foi realizada e algumas sugestões adotadas em seguida foram feitas pela própria educadora. A principal dentre elas foi substituir a participação dos pais e/ou responsáveis, pelas próprias crianças já crescidas.

Levando em conta que conversar com crianças LGBTQIA+ seria tão difícil quanto, ou ainda mais, do que conversar com pais, decidi encontrar indivíduos adultos para falar sobre suas

experiências pessoais com mídias infantis, desenhos animados em especial, durante sua infância. Essa foi a maneira escolhida para contornar o problema anterior sem perder o gancho principal da pesquisa.

Os relatos, somados a interpretações de especialistas da área da saúde, educação e design, revelaram pontos percebidos por mim em minhas próprias vivências, assim como diferenças sentidas na apresentação de personagens queer em diferentes gerações.

2.2.1. Fontes

Devido ao momento vivido no início da elaboração do projeto, no qual o vírus da Covid-19 ainda assolava o mundo, me deparei com colegas que atualizaram e modificaram a maneira, ensinada durante a graduação, de se fazer entrevistas. Mantendo a coleta de informações necessárias junto de fontes confiáveis e especialistas, a flexibilidade de entrevistas online, através de videochamadas feitas no aplicativo *Google Meet*, facilitaram o contato e a realização dessas conversas, visto que algumas das fontes convidadas se encontravam em outros estados e mesmo outras regiões do Brasil.

O processo de entrevista teve início na realização de uma pesquisa para selecionar possíveis fontes que melhor dialogassem com o tema proposto. A partir daí foi estabelecido contato com os escolhidos para explicar acerca do projeto e averiguar se havia, por parte deles, o interesse em participar. Confirmado o interesse foram feitos os agendamentos das entrevistas e, em consequência, a elaboração de suas pautas.

Basicamente, elas assumiram aqui o formato de roteiro, guias norteadores das entrevistas que contém informações importantes como considerações, discussões e questionamentos relevantes, pré coletados, que conectam o entrevistado ao tema. Tudo para garantir bons argumentos e estimular a troca de ideias durante a conversa em si. Após construir as pautas partimos então para a apuração com cada entrevistado, que seguiu, além desse material, perguntas que surgiram decorrentes de suas respostas.

Ao total foram realizadas nove entrevistas, todas de forma remota, via videoconferência. Dentre elas, quatro foram com acadêmicos especializados em temáticas relevantes a esse trabalho. O material coletado junto aos especialistas foi utilizado principalmente em formato de áudio, a fim de sintetizar mais as informações, facilitar o processo de edição e diversificar os recursos multimídia presentes na reportagem final.

A primeira ocorreu no dia 10 de outubro de 2022, com o doutor em design, Pedro Faria Sarmento. Também escritor e ilustrador de livros infantis, o especialista comentou sobre o

processo de classificação indicativa no Brasil, conteúdo presente em suas pesquisas de mestrado e doutorado.

A segunda entrevista foi realizada com a professora da disciplina Corpo, Gênero, Sexualidade e Educação do departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Heloísa Raimunda Herneck. Realizada no dia 13 de outubro de 2022, a conversa teve como foco as principais dificuldades presentes no contato da criança e do adolescente com questões de gênero e sexualidade. Quais os motivos para que seja difícil.

A terceira foi realizada com a pedagoga Shirlei Fabiana Silva, responsável pelo projeto “Prevenção ao Abuso e Exploração Sexual Infanto-Juvenil”. Realizada no dia 19 de outubro de 2022, a entrevista abordou as principais características da Educação Sexual, como área de expertise, e a importância de sua implementação nas escolas e no núcleo familiar de toda criança e adolescente. Além disso, discorreu também sobre as desinformações que circulam quanto a esse tema.

A quarta entrevista foi realizada no dia 2 de novembro de 2022, com o médico psiquiatra, Giancarlo Spizzirri, do Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FMUSP). Seu norte foi o preconceito contra pessoas que não se encaixam no padrão cisheteronormativo. Discutir onde e porquê ele surge.

Já as outras cinco entrevistas foram depoimentos com pessoas que se identificam como LGBTQIA+. Um fato importante sobre elas é que busquei enquadrar diferentes “letras” (grupos da comunidade) da sigla antes de estabelecer contato, a fim de garantir que a diversidade da qual tanto nos orgulhamos fosse melhor transmitida. Sendo os entrevistados (em ordem de apuração): Luiz Gustavo Barbosa, Hugo Vieira, Larissa Abreu e Silva, Malena Stariolo e Theodora Moreira. Todos foram mantidos no produto final em formato de vídeo. A intenção por trás dessa escolha foi preservar o caráter pessoal dos relatos, dando assim mais relevância para a fala de cada indivíduo queer entrevistado e os destacando como principais personagens da reportagem produzida.

Como forma de garantir que houve permissão dos participantes para a utilização do material coletado, foram solicitadas autorizações em áudio ao final de todas as entrevistas. Essa “assinatura oral”, se deu na voz do próprio entrevistado falando seu nome completo e, explicitamente, dando permissão à gravação e ao compartilhamento de todas as informações recebidas durante nossa conversa para os fins deste projeto.

Por fim, o processo de pós-produção das entrevistas foi realizado, auxiliando na configuração das informações no produto final e no formato multimídia escolhido para

apresentar cada uma delas. Aqui foi averiguada a presença de falas mentirosas, equivocadas ou expressões ofensivas e/ou incorretas, buscando sempre uma coesão ética, visual e informativa possível de ser consumida por todo e qualquer tipo de público.

2.3 – FORMATOS

2.3.1. Site

Como dito na seção “Elaboração da Proposta”, a plataforma escolhida para abrigar a reportagem foi o Wordpress. Durante a graduação em Comunicação Social, tive mais contato com esse sistema de criação de sites e, por isso, optei por utilizá-lo no desenvolvimento do produto final. Para que o projeto tomasse forma o plug-in (extensão/ferramenta) gratuito Elementor foi essencial. A ferramenta me concedeu toda liberdade criativa necessária para criar e editar o site a partir de uma área de trabalho completamente vazia, facilitando bastante todo o processo de produção de sua estrutura e identidade visual.

Em um primeiro momento foi feita uma busca meticulosa em modelos disponíveis gratuitamente na própria plataforma até encontrar algum que se encaixasse no perfil desejado. A partir do modelo escolhido foi feito então um esboço para definir as bases arquitetônicas do site, levando em conta o tipo de recurso multimídia a ser utilizado em cada informação incluída.

Uma observação importante sobre esse período, em que o site estava tomando forma, foi a seleção da cor amarela como principal destaque nos elementos que compõem a reportagem. Isso se deu por eliminação. Tanto para evitar as cores rosa e azul, culturalmente ligadas a questões de gênero como “de menina” e “de menino”, respectivamente; quanto em razão de preferências pessoais por tonalidades dessa cor.

Após um período de experimentação, a tipografia escolhida para a grande reportagem foi a fonte “**Montserrat**”, tamanho 40, em caixa alta, para os títulos; e a fonte “**Lato**”, tamanho 14, para o corpo do texto. Ambas são fontes simples, sem serifa e de uso versátil que apresentam legibilidade satisfatória para uma melhor experiência de leitura, sem causar desconfortos ou cansaço visual excessivos.

O modelo escolhido para a reportagem foi o Longform, apresentando assim algumas de suas características. Dentre elas estão grandes quantidades de texto e a distribuição dos elementos em seções organizadas horizontalmente, para que o usuário possa acessá-las através

da rolagem do mouse (*scrolling*) ou do menu. Seguindo o citado, o site completo conta com seis seções de conteúdo.

A capa da reportagem é uma ilustração feita por minha irmã, a designer Luísa Castro Figueiredo. No desenho vemos representadas as personagens Princesa Jujuba e Marceline, casal lésbico da animação *Hora de Aventura*, cuja classificação indicativa no Brasil é livre ou +10 (anos).

FIGURA 1 – Apresentação do site



Para tornar as informações dadas mais pessoais para o leitor utilizei de fotos e imagens em momentos estratégicos, formando um layout padrão que dá destaque a citações importantes, em especial, dos especialistas, os quais mantivemos apenas os áudios das entrevistas.

FIGURA 2 – Layout de citações

Mas que informações são essas? De onde realmente surge o preconceito?

É o que foi conversado em entrevista com Giancarlo Spizzirri, médico psiquiatra do programa de estudos em Sexualidade (ProSex) do instituto de psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP). Giancarlo indicou que tudo começa com um conceito, socialmente construído e imposto, chamado de sexo binário. É a partir dele que as pessoas determinam o que é e como deve ser um ser humano normal.



"A construção do que é e não é heteronormativo é calcada numa noção de binariedade. Ou seja, que as pessoas são, de acordo com a maneira que se percebem e se sentem, homens ou mulheres."

Apesar de citar a binariedade como determinante para a referida diferenciação (macho-fêmea, homem-mulher), o especialista explica que a discussão se aprofunda muito mais conforme destrinchamos esse conceito. Muitos dos fatores que esse padrão socialmente estabelecido leva em conta se misturam de maneira equivocada, dando voz a intolerância. A exemplo disso, menciona a identidade de gênero e a sexualidade, ditos "completamente diferentes". O primeiro é definido pela forma como o indivíduo se identifica com o seu gênero, partindo do autoconhecimento e autoafirmação individual, pessoal. Enquanto o segundo é consolidado como a atração física (sexual) ou conexão romântica e afetiva que uma pessoa tem por outra.

FIGURA 3 – Layout de exemplos meio ao texto



Já a logo do projeto, “Queer ON”, foi pensada tendo em vista o tema escolhido. A ideia inicial era de misturar o termo “Queer”, referente a pessoas que não se enquadram nos padrões tradicionais de identidade de gênero e sexualidade; à preposição “em”, para indicar a presença e permanência desse grupo no meio estudado.

Na língua inglesa tal preposição seria traduzida, em sentido literal, como “in”, entretanto optei por utilizá-la como “on”, que significa “sobre”. Isso se deu por dois motivos, ambos reforçando a ideia de “está presente” como objetivo fim: a interpretação de sentido que gera, devido sua semelhança à palavra online; e por sua grafia permitir a utilização de um elemento característico à tecnologia, o formato de um botão de liga/desliga, em sua letra “O”.

A partir desse conceito, utilizando a fonte “**Poppins**”, a logo do projeto foi pré desenvolvida. Ao final foi adicionada a forma simulando uma barra de carregamento (*loading*) e um subtítulo, que contribuem ainda mais como aspectos visuais a completar seu sentido. Abaixo é possível visualizar o logotipo desenvolvido.

FIGURA 4 – Logotipo



2.3.2. Áudio e Vídeo

A intenção inicial era de todas as entrevistas gravadas serem incorporadas à reportagem em vídeo, para dar não só voz, mas face às diversas perspectivas sobre o tema. Porém, a qualidade estética e a importância narrativa dos materiais multimídia coletados influenciou na separação dos conteúdos em vídeo ou apenas áudio. Lembrando que todas as conversas foram realizadas via *Google Meet*, o que causou diferenças visíveis entre uma e outra devido às condições dos equipamentos e internet dos entrevistados.

A edição dos materiais em áudio foi realizada por mim, através do aplicativo Sound Forge, e hospedadas na plataforma de distribuição de áudio e música *Soundcloud*. Enquanto isso os materiais em vídeo passaram, também, pelas mãos de uma amiga, a jornalista Victoria Pimenta Barel, que os editou pelo Adobe Premiere.

No total, das nove entrevistas, cinco foram editadas no formato original. Dentre essas, apenas a de Theodora Moreira foi editada com mais destaque ao que foi falado (voz), com menos de sua imagem presente, em razão de problemas técnicos na conexão do entrevistado que prejudicaram a gravação.

Para facilitar a interação de quem consumir as entrevistas em vídeo, duas versões sintetizadas foram destacadas no site. A primeira conta com os principais comentários dos entrevistados sobre sua infância enquanto crianças queer que consumiam desenhos animados. Já a segunda é um recorte com comentários sobre Educação Sexual. Como explicado na própria reportagem, tratamos desse assunto separadamente pois assim ele deve ser visto, já que, diferente do que muitos pensam, não é razão para apresentações queer estarem na mídia.

No mais, todo material coletado em gravações, disponibilizado na reportagem, buscou manter a coerência estética do conceito geral do produto. Para a edição, foi dado foco às principais partes do material bruto, utilizando cortes secos e efeitos de áudio e/ou vídeo nas transições. Além disso, todos os vídeos autorais contam com uma legenda para possibilitar maior acessibilidade e podem ser encontrados no Youtube: https://www.youtube.com/@queer_on.

2.3.3. Estrutura Narrativa

Como dito anteriormente, o site é dividido em seis seções. As duas primeiras introduzem e resumem o tópico a ser abordado ao longo de toda a grande reportagem. Nelas falamos sobre a mídia, principalmente os desenhos animados, como formadora de opinião durante a infância. Também citamos exemplos de conteúdos midiáticos, voltados para o público infanto-juvenil, que apresentam narrativas LGBTQIA+, tal qual a repercussão que essas narrativas causam.

Logo após, dedicamos uma seção à problemática do preconceito às pessoas queer. Na voz de Giancarlo Spizzirri (Psiquiatra) e Heloísa Herneck (Educadora) exploramos, através de conceitos e dados, as causas e consequências de tamanha “implicância”. Buscando esclarecer de que maneira a intolerância espalha suas “verdades absolutas”, ambos os especialistas apresentam argumentos coerentes a suas respectivas áreas.

Em seguida temos uma seção voltada à classificação indicativa. O conceito, também um conjunto de regras estabelecidas e supervisionadas pelo Ministério da Justiça, busca fortalecer a frágil barreira que existe entre a intenção de proteger os mais jovens e a censura. Meio a isso, onde a presença da comunidade LGBTQIA+ se encaixa? Legalmente, ela pode ou não estar ali? Para responder a essas e outras perguntas, conversamos com o Mestre em Design Pedro Sarmiento.

A próxima parte tem como foco a educação sexual, um tema muito mal interpretado socialmente. Em entrevista, a Educadora Shirlei Silva nos mostrou como ela é realmente implementada nas escolas, usando de seu projeto, *Prevenção ao Abuso e Exploração Sexual Infanto-Juvenil*, como exemplo. Aqui procuramos entender se existe relação entre esse instrumento de ensino e discussões quanto a sexualidade e gênero: o que pode e o que não pode ser interpretado como educação sexual? E, independente disso, é prejudicial que a criança tenha um primeiro contato com vivências não-cisheterossexuais a partir de desenhos animados? Foram questões a se desvendar.

Por último, mas não menos importante, exibimos relatos em vídeo contendo memórias de infância e adolescência LGBTQIA+. As experiências pessoais de cada adulto entrevistado, no que diz respeito à apresentação de sua sexualidade e/ou gênero nas mídias que consumia (antes da maioridade), enriquecem o debate do que pode, do que não pode e do que deveria aparecer em programas destinados a essa faixa etária. Através de suas vivências percebemos que o ódio, reproduzido por discursos normativos, desenvolve conclusões prejudicadas nos mais jovens, sobre si e sobre o outro, a respeito de tudo que difere do padrão. Quem se vê incluído, naquilo que assiste, tende a reproduzir o preconceito; enquanto quem não, além de se tornar alvo de tal preconceito, vive dificuldades em seu processo de descobrimento e aceitação como membro da sociedade em que vive.

OBSERVAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi produzir uma grande reportagem multimídia. Nela, a partir do aprendizado adquirido nas leituras citadas neste memorial, abordamos experiências de pessoas não-cisheteronormativas e discutimos se existem limites para que vivências como as deles sejam apresentadas em produções audiovisuais infanto-juvenis.

A partir de um contato próximo com especialistas, ampliamos nossos horizontes ao delimitar e explicar questões de grande impacto para o assunto. Também levamos a discussão à indivíduos LGBTQIA+, cujos relatos pessoais mostram o impacto de tais apresentações em quem realmente se identifica com elas.

Traçando um paralelo entre os formatos de mídia consumidos por crianças e adolescentes e experiências de vida Queer, foi possível notar as diferenças entre gerações, o aumento de apresentações (fora do padrão) em programas recentes, assim como as dificuldades enfrentadas por elas, cuja principal causa ainda é o preconceito. Esse paralelo mostra como o ser humano e suas expressões estão em constante movimento, se adaptando à realidade do presente e utilizando como ferramenta as condições por ele oferecidas. Entretanto, esse avanço continua lento e fruto de muita luta e resistência!

Buscando uma forma de entender profundamente todo o universo que surge do conflito entre opiniões conservadoras e progressistas, me propus a mergulhar nessa jornada de múltiplas perspectivas. Enquanto estudava os exemplos mantive em mente como poderia apresentar essa realidade para pessoas que nunca tiveram qualquer contato com, ou mesmo que são terminantemente contra, personagens LGBTQIA+ em, por exemplo, desenhos animados. Utilizar artes visuais e o design como ferramenta para aproximar o leitor/usuário dessa realidade, de forma sensorial, foi a opção escolhida para garantir que, além daqueles que já se interessam naturalmente pelo tema, diferentes grupos pudessem desfrutar de uma boa leitura durante toda a reportagem.

A elaboração deste TCC aconteceu em meio a muita insegurança e dificuldades como falhas de equipamentos, perda de relatos, dentre outros problemas materiais e pessoais. Entretanto, independente dos desafios enfrentados pelo caminho, é possível afirmar que ele cumpriu, de maneira satisfatória, com os objetivos inicialmente propostos. Ao fim, foi de um imenso prazer explorar mais de algo com impacto tão íntimo, hoje e sempre, na vida deste graduando. Reitero que por meio da experimentação proporcionada pela experiência de apuração, edição e escrita fui capaz de crescer muito profissional, acadêmica e pessoalmente. Amadurecer como consequência, justifica o sucesso do trabalho como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Suzana. Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. **Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais**. Covilhã: Livros LabCom, p. 33-54, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero – Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANAVILHAS, João; SALAVERRÍA, Ramón; ROST, Alejandro; BRADSHAW, Paul; PAVLIK, John V.; LORENZ, Mirko, PALACIOS, Marcos. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patricia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 19, n. 1, p. 51-61, 2017.

FLATSCHART, Fábio. **HTML5: embarque imediato**. Rio de Janeiro: Brasport, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade volume 1 – A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LAPLANCHE, Jean. Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006. **O gênero, o sexo e o sexual** (p. 154-189). Porto Alegre: Dublinense, p. 154-189, 2015.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manole, 2009.

LIMA, Vinícius Moreira; BELO, Fábio Roberto Rodrigues. Gênero, Sexualidade e o Sexual: o sujeito entre Butler, Foucault e Laplanche. **Psicologia em Estudo**, v. 24, 2018.

LONGHI, Raquel Ritter. **A grande reportagem multimídia como gênero expressivo no ciberjornalismo**. Campo Grande: 6º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo, 2015.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do longform no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research**, v. 11, n. 1, p. 110-127, 2015.

LONGHI, Raquel Ritter. **Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia**. Curitiba: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 21, n. 3, p. 897-917, 2014.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge, Massashusetts: MIT Press, 2001.

NUNES, Ana Cecília. Jornalismo digital de quinta geração: as publicações para tablets em diálogo com o desenvolvimento da web. **ALCEU**, v. 17, n.33, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Gêneros discursivos híbridos na era hipermídia**. *Bakhtiniana*, v. 9, n. 2, p. 206-216, 2014.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. **O processo de apuração no webjornalismo de quarta geração**. *ECO-Pós*, v.12, n.3, 2009.